



Adriana Varejão, *Pia de Sacristia*, 1991

Foto: Iara Venanzi

Exposição BRASIL DAS MÚLTIPLAS FACES
marca abertura do Espaço Milú Villela no Itaú Cultural, SP

Os 280 metros quadrados do novo espaço expositivo do IC são dedicados às artes moderna e contemporânea do Acervo Itaú Unibanco. Ao lado do Espaço Olavo Setúbal, que abriga a Brasileira, e do Espaço Herculano Pires, com a Numismática, a instituição agora oferece quatro pisos permanentes para mostras da maior coleção corporativa de arte da América Latina



Emiliano Di Cavalcanti, *Vendedoras de Peixe*, 1952

Foto: João L. Musa

O óleo sobre madeira *Paisagem* (1952), de Alberto da Veiga Guignard, recebe o visitante ao sair do elevador do sétimo andar do Itaú Cultural (IC). É o começo de uma viagem por 185 obras de 150 artistas, pertencentes ao Acervo Itaú Unibanco, em uma exposição organizada à maneira de uma reserva técnica, apresentada como um tesouro a ser descoberto. Trata-se de *Brasil das Múltiplas Faces*, que marca a inauguração do

Espaço Milú Villela – Brasileira: Arte Moderna e Contemporânea. Este novo piso oferece ao público mostras de longa duração, focadas na arte moderna e contemporânea produzida no país.

A curadoria da exposição é assinada por Agnaldo Farias, com concepção e realização da equipe Itaú Cultural e arquitetura de Daniel Winnik. O nome dado ao espaço



Almeida Junior, *Violeiro na Janela*, 1899

Foto: Edouard Fraipont

homenageia Milú Villela, que presidiu e expandiu o Itaú Cultural (IC) durante 18 anos, de 2001 a 2019, e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), entre 1995 e 2019. Psicóloga, gestora cultural e filantropa, a vida de Milú é dedicada à democratização do acesso à arte e à cultura.

A exposição inaugural, *Brasil das Múltiplas Faces*, é uma narrativa que trabalha com o conceito de arte múltipla, buscando mostrar a complexidade do Brasil com um olhar que desafia a visão tradicional de uma única história da arte. Não se trata de um desencadea-

mento linear, cronológico ou eurocêntrico. A linha curatorial se debruça sobre um olhar para o passado, mas com a devida atenção para o contemporâneo e para artistas pertencentes a grupos antes marginalizados – como as produções afrodiaspóricas, de povos originários ou de artistas que não passaram por educação formal –, mas que são igualmente importantes na construção do patrimônio artístico brasileiro.

Os trabalhos estão dispostos em 10 núcleos, compostos de traineis, como se usa nas reservas técnicas para a manutenção e conservação das obras de arte nos museus, galerias e coleções. São eles: *Retratos, Desse-melhança! Paisagem, Modernos, As Abstrações (geométrica e informal), Sonhos e distorções, Nova Figuração, Década de 1970, A Geração 80 e Produção recente*.

No total, a mostra abriga 150 obras bidimensionais (entre pinturas, desenhos, gravuras e fotografias), 33 tridimensionais (esculturas e objetos) e dois vídeos – *Mil Olhos* (2018), de Lia Chaia, e *Ordinário* (2023), de Berna Reale. O arco temporal vai de 1889 até o presente, em um conjunto de obras capaz de traçar um panorama da produção artística brasileira. Há, por exemplo, produções dos primórdios da Brasiliana, como as pinturas *Violeiro na Janela* (1899), de Almeida Júnior, e *Itapema – Santos* (1889), de Benedito Calixto.

Benedito Calixto, *Itapema – Santos*, 1889

Foto: Sergio Guerini



“Esta é a primeira exposição voltada para essa fração do Acervo Itaú Unibanco. Ao se juntar e expandir a Coleção Brasileira, apresentada no andar de baixo, ela mereceu um tratamento especial, um embrião para recortes futuros. Daí a opção por uma expografia repleta de obras próximas umas das outras, sugerindo novos arranjos”, explica o curador Agnaldo Farias em seu texto curatorial.

Em *Retratos* convivem, no mesmo trainel, obras de Di Cavalcanti e de Rego Monteiro – e suas representações não tradicionais do povo brasileiro – ao lado de uma foto de Mario Cravo Neto, que mostra um rosto escondido por uma casca de tartaruga, além de obras de artistas como Lasar Segall e Paulo Nazareth, entre outros.

Paisagem, para citar outro núcleo, cruza pinturas de artistas como José Pancetti e Guignard, cujas obras destacam a relação com a natureza, e fotografias como as de Luiz Braga, contornadas pela geografia e pelos limites naturais das cenas registradas. O núcleo *Abstrações* percorre os anos de 1950, com artistas históricos como Hélio Oiticica, Lothar Charoux, Maria Leontina, Alfredo Volpi, Arthur Luiz Piza, Ivan Serpa e Mira Schendel, até trabalhos recentes.

Em um salto pelos variados núcleos, chega-se à *Produção Recente*, que segue na esteira do debate decolonial e de produções antes menosprezadas, cujos autores, atualmente, corrigem distorções na narrativa da história do Brasil. Entre eles e elas, estão: Rosana Paulino, Arjan Martins, Jaime Lauriano, Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Carmézia Emiliano e o Movimento dos Artistas Huni Kuin (Coletivo MAHKU).

SERVIÇO

Espaço Milú Villela – Brasileira: Arte Moderna e Contemporânea – Brasil das múltiplas faces

Exposição de longa duração

Itaú Cultural – 7º andar

Avenida Paulista, 149, próximo à estação Brigadeiro do metrô, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2168-1777 / WhatsApp: (11) 96383-1663

E-mail: atendimento@itaucultural.org.br

Dias/Horários: de terça-feira a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h

Entrada gratuita

www.itaucultural.org.br



Denilson Baniwa, *Canto do Sabiá*, 2024

Fotomontagem



Iberê Camargo, *Garrafas Santa Rosa*, 2024 Foto: Humberto Pimentel